

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMARIO:

O QUE SOMOS, pela Redacção.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Carta Encyclica de Sua Santidade o Papa Leão XIII; Que falta fazem os frades?* por D. Felix Sardá y Salvani.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *As origens do Nilo.*—SECÇÃO CRITICA: *Carta de um banzado espectador a proposito dos macaqueiros congressistas; Jesuitas! Jesuitas,* por um vimaranense.—SECÇÃO HISTORICA: *Lucrecia Borgia e o Diccionario Popular.*—SECÇÃO LITTERARIA: *Homenagem,* poesia por Joaquim Pestana; *Victor ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo,* pelo P. F. Gay, traducção do padre Lima.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por F. de Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 30 DE OUTUBRO DE 1880

## O QUE SOMOS

Ha dois annos, e em igual dia ao de hoje, que em uma folha de oito paginas, sendo a ultima occupada com annuncios, sahia á luz da publicidade o primeiro numero do *Progresso Catholico*.

Ou fosse que as benções do Eterno, cahissem do céu sobre a modesta publicação, ou fosse que a falta d'um periodico da indole do nosso se sentisse assás em o nosso paiz, é certo que a bandeira hasteada e contornada por *uma nova pleiade de voluntarios*, foi desde logo soprada por favoraveis ventos e saudada com enthusiasmo por todos aquelles, que nas diversas terras do paiz, se presam de ser catholicos, sem outro adjectivo.

As farpas eivadas de impiedade não deixarão de ser-nos arremessadas pelos corripheus da imprensa revolucionaria, que em nome da liberdade ali blasphemam diariamente de tudo quanto dezoito seculos tem reverenciado. Mas nós, soldados de Christo, temos por escudo a cruz e n'ella resvalam os farpões dos impios sem poder ferir-nos, deixando-nos livres para podermos descarregar certos golpes em todos os adversarios, onde quer que estes se nos deparem, seja qual for o campo onde nos provoquem.

E será este o nosso viver em meio do jornalismo portuguez, quasi todo ao serviço dos inimigos da Egreja, e quasi todos, por consequencia nossos adversarios. Não esperem de nós condescendencia nem tolerancia. O catholico não pode nem deve transigir com a Revolução, e nós seremos dos menos transigentes. Curvados ás leis e aos dita-

mes da Egreja, regeitamos tudo que não venha d'Elle, tudo que se opponha aos seus ensinamentos.

Estaremos sempre em guerra com os jornaes dos arraiaes contrarios, sempre acobertados com a cruz diante d'aquelles que a renegam.

Prouvera a Deus que todos os catholicos portuguezes assim fizessem e não seriam tantos os apostolos do erro, espalhados por todas as povoações mais importantes do reino. Prouvera a Deus que assim fizessem, que negassem as suas assignaturas, que recusassem os dez reis, com que subsidiam um jornalismo que tem tanto de descrente como de mal educado, para escarnecer e ridicularisar das crenças d'um povo, firmadas nas tradições de centenares de annos.

E, é com a maior das magoas que o dizemos, os catholicos é que sustentam os jornaes condemnados pela Egreja; são elles que pagam para se annunciar a hora a que ha conferencias protestantes; para se propagarem ideias as mais contrarias com os principios das verdades christãs; para se infiltrar na mente do povo o desprezo pelas leis e o desrespeito por tudo que é divino.

E é por isso que os jornaes catholicos, esse pequeno exercito que ainda contém a onda revolucionaria no nosso paiz, se extorcem em meio de um rachitismo vergonhoso, emquanto os do campo contrario vivem essa vida que dá a abundancia, porque é a abundancia, o superfluo mesmo, que os catholicos lhes offerecem em troca das putridas doutrinas que elles entornam todos os dias em meio da nossa sociedade.

E' tempo ainda para reparar o mal, e crêmos que não tardará o dia em que os catholicos, á custa de muitos desganhos, enchetem de suas casas esses inimigos de Deos e da sociedade. Mas

emquanto o não fizerem, cá está o *Progresso Catholico* para gritar das atalaias catholicas todas as vezes que sentir perigo. Nada passará sem reparo ante nós. A mascara do hypocrita ha-de cahir feita pedaços, e os aranzeis dos calumniadores serão desfeitos ao apparecer o *Progresso Catholico*, porque o *Progresso Catholico* será e continuará a ser, como tem sido durante dois annos, o peizadelo da imprensa da Revolução, o mais forte azorrague dos inimigos de Deus.

A'quelles que com seus escriptos nos teem ajudado a sustentar os embates dos contrarios, enviamos mil emboras, ao mesmo tempo que lhe pedimos se não esqueçam de que são fortes e aguerridas as hostes que combatem por Satanaz, e que por isso nos cumpre a todos nós, a todos que podem, a todos que sabem, a todos que querein, formar um cerrado quadrado em volta da cruz, para que os seus inimigos, quando se não curvem, se esbarrem, amedrontados, a respeitosa distancia.

A REDACÇÃO.

## Secção Religiosa

### CARTA ENCYCLICA

DE

SUA SANTIDADE

### O PAPA LEÃO XIII

A TODOS OS PATRIARCHAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS E BISPOS DO ORBE CATHOLICO EM GRAÇA E COMMUNHÃO COM A SANTA SÉ APOSTOLICA

A todos os nossos Veneraveis Irmãos, Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos do Universo Catholico, em graça e communião com a Santa Sé Apostolica.

### LEÃO XIII, PAPA

Veneraveis Irmãos, saude e benção apostolica.

A augusta missão de propagar a Religião Christã, confiada d'uma maneira especial ao bemaventurado Pedro, principe dos Apostolos, levou os Romanos Pontifices a enviar, em diversas epochas, para differentes nações da terra mensageiros do Santo Evangelho, consoante pareciam exigil-o as circumstancias e os designios da misericordia divina. Por isso, assim como elles deputaram, com a missão de cultivar as almas, Agostinho para os Bretões, Patricio para os Irlandezes, Bonifacio para os Germanos, Willibrod para os Frisões, Batavos e Belgas, bem como outros muitos mandados para outras nações, assim tambem concederam a Cyrillo e Methodio, homens d'uma eximia santidade, o poder de exercer o ministerio apostolico entre os povos de Slavonia, os quaes, graças ao zelo constante e aos immensos trabalhos d'estes dois Apostolos, viram a luz do Evangelho e passaram da barbarie para a civilisação.

Se toda a Slavonia lembrada dos seus beneficios jámais deixou de exaltar a fama de Cyrillo e de Methodio, d'esses dois nobilissimos Apostolos, a Igreja Romana, que dispensou a um o a outro, enquanto viveram, muitas provas de honra e não quiz ser desaposada das cinzas d'um d'elles, não empregou por certo, menos zelo em veneral-os. Assim é que, desde o anno de 1863, os povos de raça slava, bohemios, moravios e croatas que viviam no costume de render todos os annos, pelo dia 9 de março, honras solemnes a Cyrillo e a Methodio, foram auctorisados, por concessão de Pio IX, Nosso predecessor de immortal memoria, a celebrar d'ahi em diante no dia 5 do mez de julho, a festa de Cyrillo e de Methodio e a recitar um officio em sua honra. Pouco tempo depois, na epocha em que se celebrava o Concilio Ecumenico do Vaticano, um consideravel numero de Bispos dirigiram uma supplica a esta Santa Sé Apostolica pedindo que o culto d'estes mesmos santos e a solemnidade estabelecida fossem extensivos a toda a Igreja. Mas não se tendo realisado nada d'isso até este dia e achando-se alterada a condição politica d'aquelles paizes, em consequencia das vicissitudes dos tempos, parece-Nos chegada a occasião opportuna de satisfazer os desejos dos povos da Slavonia, cuja consorvação e bens espirituas

sam para Nós objecto da maxima sollicitude. Como, portanto, não soffremos que a Nossa Caridade paternal lhes falte em coisa alguma, queremos que se estenda e que se augmente o culto d'estes grandes santos, os quaes, assim como outr'ora trouxeram para o caminho da salvação, mediante a differença da fé christã, as nações slavas, as defenderão hoje poderosamente por meio do seu ceeste patrocínio. Porém, afim de que se veja melhor quem sam os que Nós propomos á veneração e culto do mundo catholico, achamos a proposito dizer algumas palavras sobre os actos da sua vida.

Cyrillo e Methodio, irmãos germanos, nascidos de paes illustres em Thessalonica, foram, de tenra idade, para Constantinopla, afim de aprenderem n'essa cidade, que era a capital do Oriente, as sciencias humanas. E a centelha do genio que brilhava já n'estes adolescentes não ficou paralyzada, porque ambos fizeram em pouco tempo grandes progressos; sobre tudo Cyrillo, que conquistou nas sciencias tal renome que para honral-o d'uma maneira especial appellidaram-no o *Philosopho*. D'ahi a pouco Methodio abraçou a vida monastica: quanto a Cyrillo foi julgado digno de receber da imperatriz Theodora, sob proposta do Patriarcha Ignacio, a missão de instruir na fé christã os Khazares, habitantes para além do Chersoneso, que tinham pedido se lhes enviassem de Constantinopla ministros sagrados. Aceitou este encargo sem nenhum constrangimento. Tendo-se pois apresentado no Chersoneso Taurico applicou-se durante algum tempo, seguindo referem muitos, ao estudo da lingua nacional do paiz; e n'esse tempo succedeu-lhe encontrar, por um felicissimo presagio, as sagradas cinzas do Soberano Pontifice S. Clemente I, as quaes facilmente reconheceram, com o auxilio da tradição notoria que se havia conservado, bem como pela ancora, com a qual se sabia que o esforçadissimo martyr fôra, por ordem do imperador Trajano, precipitado no mar, submergindo-se immediatamente. De posse de tão precioso thesouro, penetrou nas cidades e nas habitações dos Khazares, e depois de ter abolido numerosas superstições, deu a Jesus Christo estes povos instruidos pelos seus ensinamentos e animados do espirito de Deus. Tendo perfeitamente constituido a nova comunidade christã, deu um memoravel exemplo de abnegação e de caridade, recusando todas as dadas que lhe foram offerecidas pelos indigenas, á excepção da alforria dos escravos que fizessem profissão da fé christã. Em seguida regressou, cheio de ardor, para Constantinopla e retirou-se ao mosteiro de Polychron, onde já vivia

Methodio. Durante este tempo a fama levára a Wratislau, principe de Moravia, o conhecimento do feliz resultado obtido entre os Khazares. Este principe estimulado pelo exemplo dos Khazares tratou com o imperador Miguel III enviar-lhe este de Constantinopla alguns obreiros do Evangelho, e não encontrou difficuldade em obter o que pretendia. As virtudes já enaltecidas por tantos trabalhos e a vontade de servir o proximo, evidentemente reconhecida em Cyrillo e em Methodio, fizeram que elles fossem destinados á missão de Moravia. Postos a caminho seguiram pela Bulgaria, já iniciada nos mysterios do Christianismo, e em parte alguma perderam o ensejo de propagar a religião. Na Moravia a multidão saiu ao encontro d'elles, espera-os nos confins do paiz e são recebidos com o maior alvoroço e com alegria indiscriptivel. Principiam sem delongas a fazer penetrar as instrucções christãs nas almas e a eleva-las á esperanza dos bens celestes; e isto com tanta energia e com tão industriosa actividade que dentro em pouco tempo a nação dos moravios passou com a maxima exponenteidade para o redil de Jesus Christo. Não contribuiu pouco para este resultado o conhecimento da lingua slava que Cyrillo havia precedentemente adquirido, bem como a litteratura sagrada dos dois Testamentos que elle traduzira na lingua do povo, o que vantajosamente serviu para o mesmo fim. E' por isso que toda a nação dos slavos deve muito a este homem, pois recebeu d'elle o beneficio da fé conjuntamente com o da civilisação christã. Cyrillo e Methodio foram egualmente os inventores dos caracteres que servem de figurar a linguagem dos slavos, e por este motivo são considerados não sem razão como os fundadores d'esta lingua.

De tantos paizes longinuos e separados a fama levára até Roma a gloria dos trabalhos realisados. Tendo por este motivo o Soberano Pontifice Nicolau I ordenado aos dois illustres irmãos que viessem a Roma, resolvem sem hesitação obedecer ás ordens recebidas e emprehendem alegremente a viagem para esta cidade, trazendo consigo as reliquias de S. Clemente. A' noticia da sua chegada, Adriano II, que fôra eleito depois da morte de Nicolau I, acompanhado do clero e do povo, vem com grandes testemunhos de honra ao encontro d'estes illustres hospedes. O corpo de S. Clemente, glorificado n'aquelle instante por grandes prodigios operados, é transportado com soleunes pompas para a Basilica erecta, no tempo de Constantino, sobre as proprias ruinas da casa paterna do invencivel martyr. Em seguida Cyrillo e Metho-

dio dão conta ao Soberano Pontífice, na presença do clero, da missão apostólica, de que santa e laboriosamente se tinham desempenhado. E como os accusam de terem obrado contra os costumes antigos e as mais santas observancias religiosas, por isso que empregaram a lingua slava na celebração das funções sagradas, elles advogaram a sua causa com razões tão solidas e tão evidentes que o Pontífice e todo o clero lhes renderam elogios e approvaram a sua norma de proceder. Então ambos elles, depois de terem prestado juramento, segundo a formula da profissão catholica, o jurado permanecer na fé do bemaventurado Pedro e dos Pontífices Romanos, foram creados e consagrados Bispos pelo Papa Adriano e muitos dos seus discipulos promovidos ás diferentes ordens sacras.

Entretanto, os designios da Providencia divina eram que Cyrillo terminasse em Roma o curso da sua vida, no anno de 869, a 14 de fevereiro, mais na madureza da virtude do que na da idade. Fizeram-lhe funeraes publicos com os magnificos apparatus que são usados para os Soberanos Pontífices, e foi gloriosamente sepultado no sepulchro que Adriano mandára construir para si proprio. Não tendo o povo romano consentido que conduzissem o sagrado corpo do defunto para Constantinopla, apezar de ter sido reclamado pelos desejos d'uma mãe debulhada em pranto, foi então conduzido para a Basilica de S. Clemente e depositado junto das cinzas d'este santo que o mesmo Cyrillo guardára com veneração durante tantos annos. E como o conduzissem atravez da cidade, no meio dos canticos festivos dos psalmos, mais com as pompas do triumpho do que com as d'uma cerimonia funebre, parecia que o povo romano prestava a este grande santo as premicias das honras celestes.

Depois d'isto, Methodio, por ordem e sob os auspicios do Soberano Pontífice, regressou na qualidade de Bispo para Moravia, afim de reassumir as suas funções apostolicas. N'este paiz, convertido por sua alma em exemplar do seu rebanho, dedicou-se com um zelo cada dia mais fervente a servir a causa catholica, resistindo firmemente aos innovadores facciosos, impedindo que elles arruinassem o nome catholico pela insanidade das opiniões que professavam; instruindo na religião o principe Swentopolck, successor de Wratisslau, e advertindo-o, reprehendendo-o, punindo-o enfim com a excommunhão quando mais tarde este principe esquecera o cumprimento dos seus deveres. Por esta causa tornou-se objecto do odio do cruel e impudico tyranno que o desterrou. Mas, chamado do exilio al-

gun tempo depois, alcançou, por meio de habeis exhortações, que o principe dêsse signaes de mudança e que comprehendesse a necessidade de resgatar as suas antigas faltas por um novo genero de vida. O que é sobretudo admiravel é que a vigilante caridade de Methodio, transpondo as fronteiras da Moravia, da mesma sorte que, em vida de Cyrillo, attingiram os liburnianos e os servios, se estendia agora aos pannonianos, cujo principe, por nome Cocel, converteu á religião catholica e conservou na practica da virtude: estendia-se tambem aos bulgaros a quem confirmou na fé christã junctamente com seu rei Bogoris; aos dalmatas a quem distribuiu e dispensava as graças celestes; e aos corynthios os quaes se esforçou por conduzir ao conhecimento e ao culto do verdadeiro Deus.

(Continúa).

## QUE FALTA FAZEM OS FRADES?

### VI

Otras vezes o frade não é um joven christão que, ao contemplar o mar borrascoso da vida, julgou mais proveitoso para si e para seus irmãos abrigar-se em porto tão seguro; é tambem o homem encanecido nas luctas da vida, fatigado pelo rijo embate das paixões, ferido cruelmente por muitos desenganos, agitado talvez por horriveis remorsos, quem vac pedir ao convento um asylo de paz, depois dos azares d'uma vida tempestuosa. E o claustro, que abre suas portas á juventude innocente, franqueia-as tambem ao homem de idade madura, quando este se apresenta acompanhado das lagrimas do arrependimento.

Numerosos exemplos nos fornece a historia de grandes criminosos convertidos em amigos de Deos e bemfeitores da humanidade dosde que trocaram o mundo pelo convento, as galas e as armas pelo austero habito do frade. Não sabemos se os inimigos dos frades vêm com bons olhos que um seu irmão, devorado pelos remorsos, ou enfasiado pelos desenganos, encerre em um claustro os ultimos dias da vida, para os dedicar á oração, á mortificação e á caridade, em vez de empunhar um revolver e fazer saltar em estilhaços o craneo, que, é o unico remedio, que para casos taes, tem podido encontrar a despreocupação moderna.

Rancé, sepultando-se nas asperezas

da Trapa e morrendo annos depois abraçado a um crucifixo, legando assim um grandioso exemplo aos estroinas do seu seculo, parece-nos mais digno, mais grandioso e mais recommendavel que o procedimento de Larra que, depois de haver manchado toda a sua existencia com toda a casta de escandalos e leviandades, a faz desapparecer a tiros de pistola. O celebre cortesão francez, reformador da Trapa, achou n'ella a paz de sua vida, e o consolo na hora da morte. O celebre escriptor madrileno, o inimigo declarado dos conventos, que perseguiu incansavel com todo o poder da sua penna satyrica, por feliz se consideraria se o habito do frade podesse abrigar seu desolado coração nos ultimos tempos da sua vida, quando, amargurado por tristes desenganos, pelo mais atroz dos aborrecimentos, pelo scepticismo e pelo grito da sua consciencia, não achou para sua alma despedaçada outro balsamo que o suicidio.

### VII

Ha muitos annos que a Revolução persegue com furia incansavel as ordens religiosas, e não desistirá do satanico empenho enquanto as não haja feito desaparecer de toda a Europa. Infausto dia foi aquella em que ellas desappareceram da nossa patria, e a morte, pouco e pouco tem roubado, com dolorosa frequencia, esses restos gloriosos, que poderam sobreviver a tão espantosa catastrophe; e d'est'arte, a geração actual, que não chegou a ver os conventos, nem conheceu o frade, não sabe, nem pode apreciar devidamente a sua importancia: apenas lhe é palpavel o immenso vacuo que entre nós deixou a sua desaparicação.

Estudemos este ponto, que é assaz importante.

A falta do frade sente-se em tudo, e muito especialmente na ordem religiosa. O frade era obreiro infatigavel na vinha do Senhor, obreiro que não achou ainda substituição. São de tal natureza alguns trabalhos do ministerio ecclesiastico, que, para seu desempenho, exigem a mão do religioso, e para supri-la, mesmo com notavel desvantagem, é preciso o zelo e actividade do clero secular. E isto está mais que reconhecido pelo mesmo clero, razão porque, sem o mais leve signal de offensa, aqui o proclamamos livre e publicamente.

Não, não é bastante para todos os serviços ecclesiasticos, unicamente o clero secular. Por maiores esforços de abnegação que se façam, por maior actividade que se ponha em pratica, por mais extraordinarios dotes de coração e de intelligencia que se possuam,

uma corporação religiosa em egualdade de circumstancias estará sempre em melhores condições, que os individuos isolados para fazer grandes e profundos estudos, e não só para isto como para a propagação da fé em paizes longinquos, e para a conservação d'ella, não só entre os gentios, como entre os povos catholicos.

E não é menor a vantagem que sobre o clero secular leva o religioso mesmo socialmente fallando: a completa independencia em que vive, o ter partidos todos os laços da familia, e o não ter que prover á sua manutenção e mais necessidades da vida. Por pouco que se conheça em suas tristes realidades a vida humana, comprehender-se-ha a importancia que tem n'este caso as duas circumstancias que acabamos de indicar.

E' por isso que os profundos pensadores religiosos, os grandes controversistas, os mais infatigaveis missionarios, floresceram em todos os tempos entre os filhos do claustro e da obediencia regular. Só a vida claustral e independente de todo o cuidado de interesses mundanos, permite ao estudioso o encerrar-se no fundo de silenciosas bibliothecas e gastar ali dez, vinte, quarenta annos sobre uma questão historica ou theologica. Só com a independencia que dá o caracter monastico ou regular se pode romper com todos os laços da patria e familia, e tornar-se unicamente cidadão do universo, voando de uma a outra região com a cruz na mão e com a palavra evangelica nos labios, vivendo essa vida rude do missionario. O pobre padre, prezo á sua parochia ou á sua prebenda, não pode, antes que o deseje, voar com essa rapidez; martyr de pequenos deveres, ainda que não menos sublimes e imperiosos, grandes trabalhos, que para o religioso são tarefa ordinaria, são para elle empresas gigantescas, ante as quaes deve retroceder. Appellamos para a experiencia dos parochos mais dedicados, e elles approvarão o que deixamos dito. Como exigir-se que publique *Summas theologicas* quem está sujeito todo o dia a satisfazer ás menores necessidades de uma vasta freguezia? Como ha-de dedicar-se ao estudo da eloquencia sagrada, e dos mais auctorizados classicos, quem dispõe apenas de alguns minutos para architectar uma pequena pratica que tem de fazer junto do altar? Poderá consagrar-se ao canto magnifico da Egreja, nas grandes solemnidades, quem n'esses dias apenas tem tempo para rezar, a deshoras, e precipitadamente as orações do dia? Poderá passar largas horas á cabeceira do doente, quem tem muitos na sua parochia, que ao mesmo tempo reclamam as suas consolações, na mesma occasião, muitas vezes, em que o

chamam os negocios da junta, ou esses muitos affazeres que a lei civil impõe, em meio da vida agitadissima do parochico? E não resta á Egreja senão o clero secular para ajudar a classe parochial, e esta a rarear cada dia mais, rodeada de necessidades, de privações e perseguida ainda. Quem attenderá, pois, ás necessidades do culto? Quem tomará a seu cargo a importante tarefa de catechisar as creancinhas? Quem se dedicará á publicação de bons livros?

(Continúa).

D. FÉLIX SARDÁ Y SALVANY.

## Secção Scientifica

### AS ORIGENS DO NILO

N'uma importante correspondencia dirigida pelo snr. A. P. d'Andrade á *India Catholica* de Bombaim, n.º de 5 de agosto, lêmos o seguinte trecho que muito merece archivar-se:

«Sir Samuel Baker disse (n'uma conferencia em Bombaim diante do vice-rei lord Ripon e de um grande auditorio) que ninguem cria nas origens do Nilo até que James Bruce, partindo de Inglaterra em 1769, como viajante e explorador independente *descubriu*, sem alguma duvida as origens do Nilo azul. Que por muitos annos francezes, italianos, portuguezes, etc., se tinham esforcado por descobrir as verdadeiras origens do Nilo, mas sem algum resultado.

Ora, os famosos lagos equatoriacs que os exploradores inglezes sustentam serem a origem do Nilo foram descobertos pelos portuguezes no seculo XVI, como em outra occasião demonstrei na *India Catholica*. Cumpre-me hoje acrescentar que Mr. C. Marklam na sua *History of the Abyssinian Expedition*, pag. 37, diz: — «Bruce está zangadissimo com o pobre Lobo (o padre Jesuita Jeronimo Lobo), assim como tambem com o padre Paes (o Jesuita padre Francisco Paes) por terem descripto as origens do Abai ou Nilo azul, que o grande viajante olhava como sua exclusiva propriedade.»

E o padre Baesten de Bruxellas, em um bem elaborado artigo, intitulado — *Os Portuguezes e a Civilisação Christã* —, fallando d'aquelle «homem de genio» o padre Paes, que «deixou muitos monumentos perduraveis na Abyssinia, taes como egrejas, conventos, pontes, palacios, etc., diz: — «Foi elle quem primeiro descobriu as origens (ramo in-

ferior, ou de Este) do Nilo azul em 1618, de novo exploradas pelo padre Lobo, diga o que quizer Mr. Bruce.»

Está-nos parecendo que nem para todos os africanistas portuguezes serão inuteis estas indicações.

## Secção Critica

Carta de um banzado expectador a proposito dos macaqueiros congressistas.

Querido Amigo.

Lisboa, 6 d'outubro.

Todos sabem e V. não ignora que tivemos por aqui ha pouco os *anthropologos*, sabios alguns d'elles ou mui sabedores da sciencia macaqueira, os quaes vieram verificar a antiguidade antiquissima, *pre-historica*, do homem sobre a terra, — antiguidade que segundo o lisboeta *diario* preadamitico de *noticias*, que fez as contas sem contar com o hospede, ou vendeu a pelle do urso sem ainda o ter caçado, está provada «com toda a evidencia», contrariando *scientificamente* a narração biblica e destruindo assim, «todos os dogmas».

Os sabios porém, n'este, como em todos os outros congressos anteriores, não verificaram nada, e em nome da *sciencia* «irrefutavel, indiscutivel», não vieram a nenhum accordo nem assentaram em coisa nenhuma, a não ser na conveniencia das viajatas e dos bons bocados, acompanhados das competentes *pingoletas escandalosas* á custa da *barba longa*. De maneira que, se o verdadeiro sabio P. A. Haté quizesse hoje continuar o seu magnifico trabalho sobre os *resultados das averiguações pre-historicas nos congressos scientificos* (1), pouco teria que acrescentar. Tres vezes nove 27 — NADA: — E' o resultado do ultimo congresso pre-historico no anno da graça de 1880.

Um dos trechos mais chistosos que escreveu o insuspeito *Diario de Noticias* a proposito do supradito congresso, é o seguinte, que transcrevo textualmente do seu numero de 30 de setembro:

«O snr. Vasconcellos Abreu apresentou as conclusões do *relatorio da commissão encarregada de examinar os ossos achados em cavernas portuguezas*,

(1) Veja-se *Les Resultats des Recherches Préhistoriques d'après les Congrès et réunions des Sociétés Savantes*, publicados primeiro nos *Études Relig. Philosophiques*, etc. de 1875 o 76, e depois em volume separado.

pelo snr. Delgado, nas quaes o seu illustre descobridor pensa haver *provas de anthropophagia*. Eis os votos dos membros da commissão. O snr. Mortillet é contra a anthropophagia no caso sujeito. O snr. Cappellini julga provada a anthropophagia no caso sujeito. Bocache julga-a muito provavel. Schaffhausen, provada n'este caso. Cartailac, de modo algum provada. Hildebrand não julga provada a anthropophagia n'este caso. Virchow: é possível, mas não provada: Abreu, provavel, crê mesmo em anthropophagia n'este caso, mas falta a prova scientifica.»

*Finis coronat opus!* O juizo do snr. Vasconcellos Abreu, professor positivista do *Curso Superior de Lettras*, deve confessar-se que é dignissimo d'*eternas luminarias*. O homem que não crê em nenhum dogma religioso «crê mesmo em anthropophagia n'este caso.» «Mas falta a prova scientifica!» Não importa; se não faltasse prova não era necessario crêr. O philosopho positivo «crê» e acabou-se! Elle gosta de crêr *n'estes casos*.

Traduzida em bom portuguez a sentença (bem pouco sentenciosa aliás) do nosso professor do *Curso*... parece dizer:—Eu desejava, oh! muito desejava que a opinião do meu amigo Delgado fosse admittida como verdadeira pelo congresso: bem vejo que não tem fundamento scientifico, mas o coração tem suas razões que o entendimento não percebe... *Desejo*, senhores; e por quem são não condemnem um desejo em nome da sciencia...

—Se não significa isto a tal sentença ou juizo do snr. Abreu, significa que S. Exc.<sup>a</sup> quiz agradar a todos os sabios *preopinantes*. Quiz agradar aos que votaram pela affirmativa, dizendo:—*E' provavel, creio!*... Quiz agradar aos da negativa confessando com franqueza que faltava a «prova scientifica», bem sabendo todo o mundo, excepto quiçá S. Exc.<sup>a</sup>, que era essa a unica prova admissivel n'uma questão de sciencia!

E o mais bonito é o haver julgado o nosso sabio que todos ficariam satisfeitos: *tutti contenti!*

E' verdade que se o riso mostra contentamento... elles riram-se. O snr. Abreu deu por tanto no *vinte*, e no certame pre-historico de que acabamos de ser testemunha alcançou uma gloria *invejavel*.

Para concluir, ou como *rabicho* d'este bilhete aqui lhe mando um magnifico soneto do amigo FULGENCIO. Não lhe falta nada;—nem a *chave d'ouro*, quanto mais a de *prata*. Examine em quanto eu vou almoçar. Adeos!

## «OS SABIOS

### A' memoria do orangotango progenitor da humanidade

Ontr'ora, quando o mundo inda jazia  
Envolto em tenebrosa escuridade  
Julgava cada um—que ingenuidade!  
Que era do pao Adão que descendia.

Hoje porém, depois que, um bello dia,  
Surgiu da nova sciencia a claridade,  
Já ninguem pode crêr na falsidade  
Que a velha Biblia a todos impingia.

*Credite gentes* no que diz a sciencia:  
Do misero gorilha, vil jogral,  
A humanidade toda é descendencia!

E tu não te envergonhas, animal,  
De teres a Darwin dado existencia  
E a outros sabichões de força igual?!

## Jesuitas! Jesuitas!

### MÃO-CHEIA DE NOTICIAS

A *Libertad Catolica* de Concepcion (Chile) confirma a noticia de que o Presidente dos Estados-Unidos está disposto a receber com toda a benevolencia os padres jesuitas expulsos de suas casas em França.

E não haver alli *Diarios de Portugal, Democracias, Trintas* e quejandos que ensinem o Presidente a mostrar seu acatamento pelos decretos das *lejas* e seu respeito pela *liberdade!*

A proposito:

Que *noticias* nos dá o *Diario d'ellas* do palacio que não menos de quatro vezes nos den a *noticia* de ir ser comprado em Lisboa para os jesuitas que viriam de França? Pelo menos diga-nos que palacio era elle.

Os jornaes de Calcutta annunciam «com grande prazer» que o revd.<sup>o</sup> padre Penderanda, da Companhia de Jesus, vac abrir uma serie de prelecções sobre a astronomia em connexão com a Associação da Sciencia n'aquella cidade.»—Coisas de *obscurantistas!*

Escrevem da China a um jornal da India:

«Acaba de sahir a luz o terceiro tomo do *Cursus litteraturae sinicae* (classicos chinezes) pelo rev. Padre Zottoli da Companhia de Jesus, em Shanghai. Contém os livros canonicos: a saber o *Livro de poemas*; os *Annaes*; as *Variacões*, *Memorial dos ritos*, e a famosa *Chronica de Confucio*, intitulada a *Primavera e Outono*. Todas estas obras são cuidadosamente vertidas em latim e illustradas com copiosas notas. Foram

impresas na typographia do orphananthrophio dirigida pelos P.<sup>os</sup> Jesuitas em Touse-wo.»

Obscurantistas impenitentes, não ha que duvidar!

Segundo uma auctorizada correspondencia dirigida ao *Monde* de 2 de setembro, os Exercicios espirituaes foram dados este anno em S. Sulpicio ao clero de Pariz pelo padre Matignon da Companhia de Jesus e produziram uma impressão extraordinaria. A correspondencia a que nos referimos conclue assim:

«Nada mais claro, mais solido e mais repassado de unção do que as praticas, as conversas familiares e as conferencias do revd.<sup>o</sup> padre Matignon. Assim cremos que o retiro diocesano de 1880 deixará de si no clero de Pariz memoria immorredoura.»

As circumstancias do conferente, expulso de sua casa á força com auxilio de um serralleiro, condemnado sem haver sentença nem culpa formada, n'uma palavra perseguido *pro nomine Jesu*, devia certamente concorrer para o effeito produzido.

No dia de Santo Ignacio d'este anno o revd.<sup>o</sup> padre Couturier, abbae benedictino de Solesmes, em França, prégou um admiravel discurso na festa do Santo na egreja dos Jesuitas da *Santa Cruz* do Mans. Ahi revelou a grande intimidade, união e communhão de boas obras que existe entre as duas Ordens; e entre outras coisas attribuiu o restabelecimento dos benedictinos em França ao empenho e aos bons serviços do revd.<sup>o</sup> padre Roothan, penultimo Geral da Companhia, amigo provado do primeiro abbae benedictino da renovada Solesmes, Dom Prospero Gueranger.

Felizmente é hoje admiravel a harmonia entre todas as Ordens religiosas, não menos que entre o clero regular e o secular, por mais que o *inimicus homo* pretenda semear a sizania. E' isto uma benção inapreciavel de Deus.

Correu mundo ha pouco em varios jornaes a seguinte noticia:

«Teve ultimamente logar na Universidade de Sarbonna (França) um facto que merece ser assignalado.

O rev.<sup>o</sup> Padre d'Eschaibes d'Hust, da Companhia de Jesus, um dos primeiros da escola polytechnica, e da escola das minas, actualmente professor na escola da rua Lhomond, defendia no dia 21 a sua these de doutorada em mathematica perante uma numerosa assistencia.

O talentoso Jesuita alcançou um grande e legitimo successo, e recebeu os mais lisongeadores cumprimentos da

parte de seus examinadores. O presidente da mesa disse-lhe entre outras coisas que elle tinha mostrado as mais eminentes qualidades do professor pela maneira como defendeu a these e que a faculdade notava com alegria que estava apto para prestar os mais relevantes serviços no ensino.»

Sim, mas a liberdade liberal permite que seja livre um jesuita para ensinar o que sabe? Ao vermos o que se passa em França e o que se escreve entre nós, é licito pelo menos duvidar.

No *Brazil Catholico* lê-se:

«O collegio de S. Luiz Gonzaga, em Itú, conta actualmente duzentos alumnos internos.

Que desespero para os inimigos dos Padres Jesuitas!

Os coitados cançam-se em gritar e escrever contra a — peste negra — e a população da provincia de S. Paulo e do Imperio a encher o collegio cada vez com mais alumnos!

Ha naquella excellente collegio alumnos de diversas provincias, e o que é mais para notar filhos de homens que gritam e escrevem constantemente contra os Padres Jesuitas.

Nem ao menos se lembram que entregando-lhes a educação de seus filhos, e portanto o futuro d'elles, fazem a melhor e a mais eloquente apologia dos mesmos Padres e da mesma ordem que tanto combatem.

Triste contradicção!

E' que a verdade impõe-se, e a verdade é que não existe no Imperio talvez outro collegio igual ao de S. Luiz Gonzaga!»

N'este collegio está como professor um filho de Guimarães, o Red.º Sr. P.º Bento Schettini, que temos visto elogiar entusiasticamente em varios periodicos do Brazil. Parabens ao nosso benemerito patricio e a seus queridos paes.

O tribunal de Lyon deu um accordo que produziu muita sensação, na questão dos famosos decretos.

O presidente accusa o prefeito e os commissarios de *violadores do domicilio e da liberdade*, e não aceita o *contrarecurso* do prefeito que allega não pertencerem os jesuitas a qualquer das congregações auctorizadas.

O nobre magistrado estabelece a egualdade dos cidadãos perante a lei e proclama, alto e bom som, não só a competencia, mas o dever que assiste a todos os tribunacs de tutelarem, sem distincção, as liberdades publicas.

—A maior parte dos serralleiros, convidados para arrombarem as portas das casas da Coupanhia, foi embaida ou compellida pelos bons republicanos. O serralleiro de Nantes, a quem coube

tão triste missão, apenas comprehendeu o mau passo que o haviam obrigado a dar, intentou contra o prefeito acção de perdas e damnos, exigindo uma quantia não pequena, porque, desde aquelle dia meiorando, não lhe tornára a apparecer um só freguez.

—Em Nancy, a policia foi procurar o mestre d'uma serralleria, porém, como este não estivesse na officina, convidou um dos officiaes sem lhe dizer aonde ia nem o fim para que ia. No caminho, desejando saber o trabalho que tinha a fazer, perguntou: — Aonde vamos? — A casa dos padres jesuitas. — Então não temos nada feito. Sou o serralleiro da casa, e não posso, não quero, nem devo arrombar as portas d'aquelles que me dão trabalho e pão.

—Em nome da lei é obrigado a fazer o que lhe determinarem. — E foi obrigado.

A liberdade tão apregoada por estes avejões é sempre assim.

Ainda a proposito dos jesuitas, escrevem de Linoges: «A causa do direito conseguiu o seu primeiro exito favoravel. Os padres jesuitas Deschamps e Domartial, proprietarios, foram reintegrados na posse dos immoveis de que haviam sido espoliados. A alegria é geral, e uma multidão entusiastica grita: *Vivam os jesuitas!* O presidente do tribunal da Angers declarou-se competentissimo para julgar a causa dos jesuitas; e o de Lille seguiu-lhe o exemplo.

Um jornal francez, referindo-se ás leis citadas pelos *grandes homens* da republica para justificarem a dispersão dos jesuitas, pergunta: — porque não porão em vigor a seguinte lei promulgada pela commissão revolucionaria de Lyon, a 11 de Janeiro de 1794?

«Fica prohibido o uso do bigode a todos os cidadãos que não forem militares.

«Todo o individuo que contravier a este decreto será castigado como suspeito.»

—E outra (acrescentaremos nós) ainda mais moderna que as invocadas contra os Jesuitas, pela qual ficam postos fóra da lei os judeus que não façam certas declarações (que nenhum faz presentemente)! — E outra, ainda da mesma epocha, que prohibe apresentarem-se certas auctoridades a exercerem os seus cargos sem trazerem casaca, calção, rabicho e cabelleira empoada!

Ha pouco vimos estas leis citadas por extenso no *Monde*. Não nos venham dizer que taes leis foram revogadas, por que mais expressamente revogadas foram as que apontam contra os Jesuitas, e todavia...

## Secção Historica

### LUCRECIA BORGIA

E O

#### «Dictionario Popular.»

Com a collaboração de muitos escriptores distinctos do nosso paiz, e sob a direcção do snr. Pinheiro Chagas, publica-se em Lisboa um *Dictionario Popular*, que seria uma verdadeira encyclopedia se fóra escripto conscienciosamente, se seus collaboradores procurassem em fontes limpas a verdade dos factos que pretendem historiar.

Não acontece assim, infelizmente. Em assumptos que prendem com a historia da Igreja os erros são de espantoso tamanho, admirando-nos até, que a má fé do elegante historiador o snr. Pinheiro Chagas, não vá uma vez ao menos, folhear uma historia, não digo d'um auctor amigo da Igreja, mas pelo menos imparcial.

Ha-de sempre o snr. Pinheiro Chagas e os que o acolytam na obra do *Dictionario Popular*, consultar sempre historiadores suspeitos, e declaralos inimigos da Igreja!

No artigo *Lucrecia Borgia* despejam os auctores do *Dictionario* quantas calumnias podem manchar a memoria de uma mulher. E não seremos nós, escriptor catholico, que deixemos passar sem reparo uma tal infamia; porque é uma infamia o escrever a historia de Lucrecia Borgia, com tintas tão negras, quando historiadores de provada honestidade e saber teem refutado taes calumnias.

Para que os nossos leitores possam ajuizar do espirito de hostilidade contra a Igreja que anima os auctores do *Dictionario Popular*, vamos transcrever o artigo em questão, e depois d'elle, o que escreveu na sua *Historia Popular dos Papas* o sabio historiador J. Chantrel.

Eis o artigo do *Dictionario Popular*:

«*Lucrecia Borgia*, filha de Alexandre VI e de Julia Vanozza, celebre pela sua belleza e pela vida desregrada que teve, segundo varios escriptores do seu tempo, passava em geral por viver incestuosamente com os seus dois irmãos, Francisco, duque de Gandia, e o famoso Cesar Borgia, e até com seu proprio pae. Em junho de 1493 casou com João Sforza senhor de Pisaro, e viveu com elle até que em 1497 seu pae, o papa Alexandre dissolveu esse matrimonio porque conforme diz Guichardim «não podia soffrer como rival nem mesmo um marido e subornou testemunhas para deporem que João era impotente.» No anno seguinte Lucrecia contrahiu novo casamento com Affonso, duque de Bisaglia e filho natural de Affonso II de Napoles o qual foi assassinado por Ce-

sar Borgia (segundo se disse em 1500). Muratori refere que quando o pontífice sahia de Roma, Lucrecia ficava encarregada de dirigir os negocios publicos occupando-se de todos os assumptos do governo como se exercesse uma regencia e consultando nas questões mais difficis alguns cardeaes de confiança. Nos fins de 1501 Lucrecia casou com Afonso d'Este, filho do duque de Ferrara e viveu d'ahi em diante n'essa côrte, protegendo os escriptores e poetas e dando pensões a Ariosto e Benbo que por esse motivo como é natural, lhe teceram grandes elogios. Fundando-se n'essas adulacões, filhas do interesse, teem alguns querido rehabilitar essa Messalina da idade media, mas o testemunho de quasi todos os escriptores coevos não permite aceitar como exactas essas metaphoras de poetas.

Lucrecia sobreviveu a toda a familia, mas não se sabe a epoca da sua morte. O conhecimento que ella havia adquirido dos negocios italianos, fez com que auxiliasse muito seu marido no governo do ducado, e apesar dos seus amores com Benbo, parece que na côrte de Ferrara e nos ultimos annos de vida so portou muito mais regularmente.»

Ahi fica gravado o artigo com que um escriptor pouco escrupuloso, ou antes, digamos-o francamente, impulsado pela má fé, que anima a maior parte dos escriptores portuguezes, na epoca presente, quiz manchar a reputação d'uma mulher que a historia de ha muito apresentou livre dos crimes que os inimigos da verdade, do Papado e da Igreja lhe quizeram imputar.

Para que se não fique a julgar mal de uma mulher, que a historia apresenta como um modelo de virtudes e d'um papa que em nada desmereceu do respeito e da admiração que merecem todos os papas dignos d'este nome, aqui damos um extracto do que a tal respeito escreveu Chantrel na historia já citada.

Não passe a calunnia ao menos entre os leitores do *Progresso Catholico*, e que não tenham a *Historia Popular dos Papas*.

Eis o artigo de M. Chantrel, que, para escrever a sua historia, consultou historiadores protestantes e muitos outros todos hostis á Igreja:

«*Alexandre VI antes de ser Pontífice* — Em Valencia de Hespanha, havia uma antiga familia, por nome Borgia, ou melhor Borja, muito antiga no paiz e que alguns fazem descender dos antigos reis d'Aragão. O que é certo é que ella occupava em Valencia um lugar muito distincto o que uma cidade de Aragão se chama Borja. Esta familia teve a gloria de dar á Igreja dous Papas: Calisto III e Alexandre VI, e um notavel santo, S. Francisco de Borja. Uma ir-

mã de Calisto III, chamada Joanna ou Izabel (os historiadores não estão d'accordo sobre este ponto), casou com Godofredo Lenzoli ou Lenzuoli, que tambem pertencia a uma familia distincta, e era talvez o chefe do ramo, que teve por tronco o filho segundo da familia Borgia.

Lenzuoli exerceu cargos elevados na côrte hespanhola e governou muitas praças importantes.

Não se sabe quantos filhos teve Godofredo Lenzuoli; mas é provavel que tivesse muitos, ou pelo menos dois rapazés. Chamava-se um d'elles Pedro Luiz. O que depois foi Pontífice, nasceu em Valencia no anno de 1431, e recebeu o nome de Roderico ou Rodrigo. Parece que Lenzuoli juntára ao seu nome o de sua mulher, porque Pedro Luiz e Roderico chamavam-se indistintamente Lenzuoli ou Borgia.

Seja como for, é certo que Roderico manifestou desde creança talento pouco vulgar e grande aptidão para os negocios. O pae escolheu-lhe os melhores mestres, e fez-o estudar até aos dezoito annos. Confiou-lhe então importantes negocios, eucarregou-o de dilucidar alguns processos e tão feliz foi o joven, que se lembrou de seguir a carreira que via diante de si com tão bellos auspícios. Mas dotado d'uma natureza viva e inconstante o d'uma ardente imaginação, deixou logo a profissão de advogado para abraçar a carreira das armas. Não tardou que se tornasse notavel n'essa vida, como em tulio; parecia que sonhava só com a gloria militar, quando a eleição de seu tio Affonso Borgia, que tomou o nome de Calisto III, veio mais uma vez mudar-lhe as tenções.

Calisto III conhecia a elevada intelligencia do sobrinho; desejou tel-o consigo e mandou-o ir para Roma; Roderico Lenzuoli foi, mas de muito má vontade e só pelos instantes pedidos do Pontífice. Para dar ao joven Roderico meios de sustentar a sua posição, deu-lhe Calisto a *commendata* do arcebisado de Valencia. A *commendata* era o seguinte: Os bispados, abbadias e outros beneficos ecclesiasticos, podiam ter grande e exorbitante rendimento, já por causa das dadas dos fiéis, já pela redução do numero de religiosos ou de quem os gosava. N'este caso, o Summo Pontífice dividia-o em duas partes; deixava uma ao abbade ou bispo titular com o nome de *meza* (renda abbacial), e dava a outra a um *commendatario*, administrador puramente temporal e secular. Houve abusos n'isto, mórmente quando os reis dispozeram das *commendas*; mas houve menos nos paizes em que ficaram á disposição da auctoridade ecclesiastica. Enquanto a Roderico Borgia, Calisto III fez unicamente

o que era uso antigo, que em nada pôde prejudicar a reputação do *commendatario*. Foi assim que o moço Borgia passou a ser *commendatario* do arcebisado de Valencia; não haveria abuso n'isto, não se tendo servido dos rendimentos ecclesiasticos, que disfructava, para fins contrarios aos interesses da Igreja.

E houve-os? E' verdade que, desde então, seus costumes o tornaram indigno da protecção e confiança do tio, que o nomeou cardeal em 1456? E' o que se devo examinar.

Diremos primeiro, que o cardinalato, e muito menos a *commenda*, não impunha obrigação de se tomarem ordens sacras. O *commendatario* era ordinariamente um secular; houve bastantes cardeaes, que nunca se ordenaram, ainda que hoje qualquer secular, nomeado cardeal, deve receber o subdiaconado. E' porém certo que o cardeal e o *commendatario* eram sempre obrigados a ser morigerados e Roderico Borgia é accusado de haver sido depois de 1456, como antes, devasso e escandaloso.

Nenhum historiar sisudo contesta, que Calisto III foi Pontífice sério e venerando; era necessario pois que elle ignorasse os desregramentos do sobrinho para o fazer cardeal e continuar a protegelo. Foi enganado o Pontífice? Burchardo Tomasi, Paulo Jovio e Guichardino chamam unanimemente ter havido escandalo então; mas não estão d'accordo nem sobre a gravidade, nem sobre as circumstancias do tal escandalo. Guichardino é o que affirma menos; contenta-se com as fórmulas, *diz-se, consta*. Os outros não dizem uniformemente o nome e condição da mulher, que teria relações criminosas com o moço militar, relações que ao depois se continuariam; falla um n'uma Roza ou Catharina Vannoza ou Zanoza; outro diz que ella era solteira, e outro que era casada. Nenhum accorda nem sobre o nome, nem no sobrenome, nem na qualidade. Que mulher era ella? Onde nasceu? Quando morreu? Não se sabe nada; e são os mais encarnicados inimigos de Alexandre VI e contemporaneos, quem deixa em tamanha incerteza um ponto, que então era tão facil esclarecer o que tanto interesse tinham em tornar crível!

Admittamos por um momento, que Roderico Borgia houve de Vannoza os filhos, que lhe attribuem, a saber: 1.º João ou Francisco, que foi duque de Gandia, nome d'uma cidade do reino de Valencia; 2.º Cesar, o mais célebre de todos, depois duque de Valentinois; 3.º Guifry, ou Guifre, ou Joffredo, principe de Squillacio; 4.º a famosa Lucrecia Borgia, de que nos occuparemos adiante; 5.º um filho, cujo nome se ignora. Conclue-se do testemunho dos proprios inimigos de Alexandre VI, que

elle teve estes filhos mais de vinte annos antes de subir ao throno pontificio e antes de se ter ordenado. Parece que recebeu ordens sacras em só 1478, quando Xisto IV o nomeou bispo de Alba e depois de Porto.

Podia-se pois, em rigor, censurar Alexandre VI dos desatinos da mocidade? D'isto não se deve accusar o ecclesiastico, nem o bispo, nem o Papa; os desvarios do militar, se os espizou e d'elles se arrependeu, não podem recahir sobre o padre. Tacs faltas não obstarão a que os Agostinhos e Ignacios de Loyola fossem depois grandes santos.

Pretende-se porém, que Alexandre VI devia mudar de vida desde 1456, porque foi feito então cardeal e beneficiado. Mas apparece tambem a proposito d'isto uma segunda versão, que justifica Alexandre VI mais completamente. O sabio Marini, no *Diccionario historico*, artigo *Borgia*, diz que, segundo respeitaveis historiadores, este Papa teve de Julia Farnese, emquanto rapaz, quatro filhos e uma filha. O mesmo affirma Orlandini na sua *Historia de S. Francisco de Borgia*; encontra-se a mesma affirmacão n'outra historia do mesmo santo, escripta por um anonymo, dedicada ao rei e impressa em Pariz, no anno de 1672, por Diniz Thierry. E' de lastimar que estes auctores não digam formalmente se Julia Farnese estava casada legitimamente com Roderico Borgia; mas ha factos que não permitem duvidal-o. O historiador Philippe de Commines em parte alguma das suas *Memorias* chama bastardos aos filhos de Alexandre VI, e é sabido que esta qualificacão quando a póde applicar, nem para os principes de sangue. A descripção do reinado de Carlos VIII, feita segundo os escriptores contemporaneos e inserta na collecção Petitot (*Mémoires relatifs à l'histoire de France*) não emprega nunca este epitheto. Se é provavel que Julia Farnese é a Vanozza, é tambem provavel que ella tivesse casado com Roderico Borgia; o testemunho parcial e muitas vezes falso de Paulo Jovio, de Tomasi e outros, póde pelo menos fazer nascer algumas duvidas. Mas desaparecem todas, sabendo-se que os Farnesos pertenciam a uma familia romana, que podia tanto como os Borgias, e uma união illegitima tão prolongada teria sido impossivel entre dois membros d'estas casas. Ainda que uma Farnese se tivesse esquecido dos seus deveres, ninguém acreditará que seus nobres parentes teriam suffocado tanto tempo um odio implacavel, uma *vendetta* italiana, contra o seductor. Ora a historia mostra o contrario, até a escripta pelos inimigos de Alexandre VI. Vemos o cardeal Farnese, depois

Papa com o nome de Paulo III, encarregado de missões as mais delicadas e muito dedicado a este Pontifice ainda quando se fallava em o depor, isto é, quando Roma estava occupada por um exercito francez. Um outro Farnese, Angelo Fernando, serviu no exercito do Cesar Borgia e deixou-se matar no serviço d'elle. A estima que os Farnesos gosaram em todo o pontificado de Alexandre VI explica-se naturalmente com a alliança anterior do Pontifice com Julia Farnese. (1)

(Continúa).

Secção Literaria

HOMENAGEM (2)

A memoria da distincta poetisa madeirense, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Arsenia de Bittencourt Miranda

Descança: se no céu ha luz mais pura, de certo gosarás n'essa ventura do justo a placidez!

CASIMIRO D'ANHEU—*Primavera*.

Porque choral-a, se foi gotta de luz, aos infinitos alada no cortejo dos archanjos, inandados do Senhor bucal-a á terra, no diadema do Deus brilhar mais pura?

SILVINO VIDAL.

I

Pendeste tua frente ao sol da vida qual rosa desmaiada!  
Morreste no fulgor da mocidade á luz d'uma alvorada!  
Na terra que se colhe? A desventura nos ais do coração!...  
Feliz do que morreu saltando hymnos ao Rei da creação!

Tua alma foi alada ao seio puro, ao seio do men Deus;  
foi lêr no grande livro—a immensidade—a lei que vem dos céos!

Terás n'esse esplendor, entre os archanjos, as gratas melodias!  
Não deixes de vibrar a tua lyra nas santas harmonias!

Os cantos que deixaste, ó doce virgem, nas vozes da pureza,  
são per'las que se guardam, suspirando, na dôr e na tristeza!

«São perolas de ophir em concha fina» guardadas com primor;  
são joias d'alto preço, indefenidas, de mimo e de valor!

Teus paes não de rever-se, meditando, nos hymnos que legaste;  
ai! não de recordar-se dos mysterios, das prendas que levaste!...

(1) J. Favé, *Estudos historicos*.

(2) Esta poesia, por ter sahido mutilada, quando publicada em o n.º 21 do 2.º anno, é reproduzida de novo.

Que vozes, no seismar saudoso e lento, oh! virgem do candura, não pensam que lhe dizes:—«Como sonho a vida pouco dura!...»

«Que paz n'este gosar! Que doses threnos nas harpas do Senhor!  
«Que sons que se repetem, jubilosos, aos pés do Creador!

«Na gloria que me cerea,—eterno brilho,— existe o puro bem!  
«E vemos uma luz que se não finda, aqui, oh minha mãe!

«Mas sinto que soltaes, enternecida, por mim um terno ai;  
«que vives n'uma dôr, enlanguecida, bem junto de meu pae!

«Eu poço do Senhor que vos anime nas horas do ternura;  
«que faça penetrar na soledade um raio de ventura!»

Supplica do meu Deus, na esphera immensa, tão vasta e luminoso, nos mande para a terra, em fios d'ouro, do céu a luz formosa!

II

Na campa que te guarda as frias cinzas, ainda mal cerrada,  
ou venho collocar das minhas flores a flôr immaculada!

Sabias, sem nos vermos, que o mysterio das leis da intelligencia,  
exerce para nós, os que meditam, a maga reverencia!

Por isso n'este leito onde repousas, na paz da solidão,  
te deixo meu—adeus—enternecido na voz da gratidão!

Madeira.

JOAQUIM PESTANA.

VICTOR

OU

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Traducção do Padre Lima

CAPITULO I

Karaktaco, rei dos Silures

E' em Roma, no anno 51 de Jesus Christo e sob o reinado do imperador Claudio. Não só porque assim o demanda a historia, mas até para não usurpar os direitos ao leitor, devemos desde já e no principio d'esta historia delinear a largos traços o quadro de



Roma e do povo romano n'esta epocha e esboçar o retrato do imperador Claudio, que passa de dez annos já que se assenta no throno dos Cesares.

Roma, a cidade eterna, como a tem chamado seus oráculos, seus historiadores e seus poetas, acha-se hoje mui decahida da sua pristina gloria. Se, na verdade, foi e agora é mais do que nunca, o centro de reunião de todos os povos por ella subjugados, e o fóco da civilização, da sciencia e das artes; se seus magníficos e sumptuosos monumentos attestam a abundancia de suas riquezas, e seus trophéos proclamam a gloria de suas armas; se seu nome é temido até aos ultimos confins do mundo conhecido, acha-se todavia, degenerada, e seu falso esplendor não é senão o presagio triste da sua proxima ruina.

Não é já a Roma altiva, independente e austera; é a Roma humilhada, corrompida e escrava, que se arrasta aos pés de seus Cesares, na sua maior parte monstros de corrupção e crueldade.

Nada, todavia, lhe falta do que pode tornar poderosa e admiravel uma cidade. Tem quarenta e seis mil bairros ou grupos de casas e palacios, quatro centas e vinte e duas praças publicas, quatro centos e sessenta e seis templos, muitos amphitheatros, dous grandes circos, onze *forums*, quatorze aqueductos, vinte e quatro grandes *Vias* d'onde desembocam e se ramificam um numero infinito de ruas, que a cruzam em todas as direcções; sua população, alfim, eleva-se á enorme cifra de cinco milhões de habitantes.

No meio, porém, de todos estes esplendores, quantas chagas sociaes que a deshonram e acabarão por arruinal-a!

Na infima escala social contam-se os escravos, raça desprezível á mercê de todos os caprichos e de todas as crueldades do despotico senhor. Depois seguem-se os libertos que hão conseguido comprar a liberdade pelo ignobil preço de rapinas e delações, e que não vivem senão da intriga e da traição. A estes succede o povo, raça indolente e cruel, que pede *pão e prazeres*, reclama combates de gladiadores e move sedições contra os patricios, quando os não bajúlam para que lhes dê com que saciar sua glotoneria. Finalmente, estão na primeira plana os patricios, ultimos descendentes d'aquelles altivos romanos, que se assenhorearam do mundo e que hoje vivem desgostosos, porque fartos de riquezas e de prazeres não fazem senão passear indolentes pelo forum, pelas *thermas*, em seus palacios e quintas, em quanto que o Cesar os não manda matar para apoderar-se de suas riquezas, se elles antes d'isso não lhe tiram esse trabalho, dando-se a morte: jovens e velhos, donzellas e ma-

tronas, todos, enfim, estão invadidos da mesma febre de corrupção, lubricidade e deshonor.

Eis Roma, eis a rainha do mundo. No meio d'essa sociedade abjecta domina o imperador; e o da epocha que vamos descrevendo é o successor de Caligula, o imbecil Claudio.

Quando Caligula succumbia ás mãos dos conjurados, assistindo aos jogos, que havia mandado fazer em Roma em honra d'Augusto, os pretorianos, sempre afeiçoados aos Cesares que lhes davam dinheiro, descobriram occulto atrás d'uma porta do palacio imperial um personagem que tremia de medo e desde logo o proclamaram imperador.

Era Tiberio Claudio, irmão de Germanico, tio de Caligula, de cincoenta annos de idade, e a quem a crueldade de seu sobrinho tinha poupado até então, porque na verdade nunca presumiu attenta a sua muita fialdade e loucura, que chegasse um dia a ser emulo ou candidato ao throno.

Claudio era, pois, imperador dos romanos. Mas, que soberania a sua! Era um conjuncto, um mixto repugnante de crueldade e inepecia, de delações, envenenamentos, parricidios; era, em uma palavra, tudo o que a perversidade humana, alliada ao mando, pode conceber e realisar.

Quando na historia se lê o nome de Claudio e o de sua esposa Mesalina, não ha ninguem que deixe de estremecer de horror e de córar de vergonha.

A historia, que vamos narrar, começa, como já se disse, no anno 51, isto é, no fim do imperio de Claudio.

N'aquelle dia os habitantes de Roma haviam sahido de suas casas e percorriam gostosos todas as ruas da cidade. Iam e vinham, agrupavam-se aqui e alli, cantando uns, vociferando outros e esperando todos com impaciencia o principio da festa que se lhes havia annunciado.

Na verdade, uma dupla solemnidade tinha obrigado a sahir á rua aquelle sedicioso e guerreiro povo.

Um dos seus generaes, Ostorio, voltava a Roma á frente das legiões victoriosas, conduzindo após si a Karaktaco, rei dos Silures, na Gran Bretanha, com sua familia e alguns dos seus soldados; e o povo romano havia sido convidado a presenciar a entrada triumphante do vencedor.

Além d'isso, n'aquelle mesmo dia o imperador Claudio adoptava, com prejuizo de seu proprio filho Britanico, a Cneio, filho de Agripina, sua ultima esposa, o qual n'esta occasião tomou o nome de Claudio Nero, nome com que a historia d'ahi por diante o ficou appellidando; e em consequencia d'esta

adopção, Nero se desposou com Octavia, filha de Claudio.

O povo, subornado pelos libertos da ambiciosa Agripina, que havia conseguido dominar o imperador, entregava-se a todas as demonstrações da mais completa alegria. Satisfeito com as dadas da vespera, e entusiasmado com os festejos, que esperava no dia seguinte, aclamava na passagem o joven Nero, que do alto do seu carro fixava sobre o povo vistas ora meigas ora feroces, em quanto que o velho imperador contemplava a multidão com ar affavel mas imbecil.

Era na verdade, um espectaculo magnifico e surprehendente; só Roma os podia offerecer assim.

Verdade é, que os romanos, na situação moral, em que se achavam, não podiam tolerar outros. Ia já longe o tempo dos costumes austeros e das virtudes heroicas: desapareceram d'envolta com os verdadeiros romanos; este povo escravo e corrompido não almejava nem appetecia já outra cousa senão *pão e jogos*. E era para dominal-o, que os tyranos lhos prodigalisavam, quando lhes convinha.

Perto do carro imperial ia o de Ostorio, o general vencedor. Para não obliterar as tradições da republica, haviam-lhe conferido as honras do triumpho. (1) Adiante haviam passado já os carros que levavam os despojos tomados ao inimigo, e atraz d'elles seguiam os vencidos: depois podiam-se vêr e admirar as corôas de ouro, offerecidas pelas cidades alliadas do povo romano e pelas legiões; de modo que o vencedor ia precedido de todas as insignias da sua victoria.

Foi por isso que ao apresentar-se á vista do povo entusiasmado, com sua tunica bordada de palmas e sua toga de purpura de rosas d'ouro, cingida a fronte com uma corôa de louros e empunhando um sceptro de marfim, encimado por uma aguia, este rompeu n'uma ovação immensa.

«Triumpho! Triumpho!» gritava-se por toda a parte.

Ao lado do vencedor ia o vencido Karaktaco, rei dos Silures. Levava os pés atados ao carro triumphal e as mãos algemadas por grossas cadêas. Reconcentrado em si mesmo e cabisbaixo, parecia não vêr nada, nem nada ouvir do que se passava ao redor de si. Nem um estremecimento, nem um suspiro... Este homem, assim algemado e acurvado sobre o carro, semelhava a estatua da desesperação. «Gloria e triumpho a Ostorio! Morrãam os

(1) Na verdade, os triumphos dos generaes romanos concluíram sob o imperio d'Augusto. Desde então esta honra reservou-se exclusivamente ao imperador, porque só elle era o general em chefe da republica.

vencidos!» gritava o povo no auge do maior delirio.

Ao voltar da Via Sacra para o Forum, um romano, tirando a um soldado a lança, a cravou nas costas do rei dos Silures. Este, ao sentir-se ferido, ainda que levemente, ergue-se como um leão, scintillam-lhe os olhos, e no estrebuchar violento dos seus braços, indica o impeto indeliberado de querer quebrar as algemas e agarrar a lança; mas o ferro resiste, e elle deixa-se cahir aos pés do vencedor. Todavia, o que o havia ferido atemorizou-se um pouco, porque ao redor do carro presentiu-se certo rumor e observaram-se signaes de approvação a favor do prisioneiro, posto que outros redobravam os insultos contra o vencido.

E assim foi seguindo todo o cortejo até ao templo de Jupiter Capitolino, ao qual o vencedor ia ofertar um ramo de louro.

Karaktaco estava sentenciado, depois de haver perdido seu reino, a vel-o parte, invadido por uma colonia romana, parte, entregue a Cartismandua, rainha dos Brigantes, e elle a morrer em algum escuro e infecto calabouço da grande capital do mundo.

Todavia fallava-se que o imperador queria decidir mais favoravelmente a sorte do prisioneiro. (1)

Chegados ao palacio imperial, Karaktaco, sempre algemado, foi conduzido á presença do imperador; apresentou-se-lhe sem orgulho, mas com dignidade verdadeiramente real. De pé ante aquelle velho decrepito, cujas sumptuosas vestes não dissimulavam nem sua fealdade nem sua estupidez, esperou a sangue frio, que se lhe dirigisse a palavra.

—Karaktaco, disse-lhe Claudio, estou inclinado a usar contigo de clemencia: digam o que disserem, um imperador não é um tyranno. Tua humilhação termina n'este momento: tens agora algum pedido a fazer-me?

E dirigindo-se a um soldado, accrescentou:

—Tira-lhe as algemas.

—Não quero nada, respondeu ao mesmo tempo o rei vencido.

—Que! Nada? Nem sequer a liberdade? Nem ao menos voltar á patria?

(1) Karaktaco, rei dos Silures, povo bre-tão (hoje paiz de Gales) morreu no anno 54 depois de Jesus Christo. Resistiu aos romanos por espaço de nove annos. O propretor Ostorio, enviado por Claudio, venceu-o, tomando-lhe sua mulher, seus filhos e seus irmãos: elle foi entregue por Cartismandua, rainha dos Brigantes (York) a Claudio, em recompensa, lhe augmentou a esta seus Estados. Todos se humilharão ante o imperador; só Karaktaco mostrou uma dignidade incontestavel, que Agripina e Claudio admiraram. Foi-lhe dada a liberdade e muito presentado. (Tacito).

—Os que Roma aprisiona, não voltam mais a vêr a terra em que nasceram.

—Apraz-me tua dignidade e Agripina tambem t'a applaude. Queres ser alliado e amigo fiel de Roma?

—Isso nunca; não posso ser amigo de Roma, que me ha despojado, des-honrado meus filhos e dado a morte a minha esposa. Não; eu não posso ser fiel a Roma, que para vencer-me se valeu do perjurio e da traição: não: prefiro morrer!

Estas palavras causaram um borborinho confuso entre os libertos e corte-zões, que rodeavam o velho imperador; n'uns significava admiração por tão rara valentia, n'outros o susto, que naturalmente incute a morte de um homem. Agripina, porém, que estava indolentemente sentada junto do throno, levantou-se energeticamente e disse:

—Muito bem! (Continúa).

## Secção Bibliographica

MAGDALENA

### Quadro biblico em sete cantos

Temos sobre a banca um pequeno livro de versos, editado pelo snr. David Croazzi, de Lisboa, e devido á penna inspirada do mavioso poeta madeirense o ex.<sup>mo</sup> Dr. L. A. Gonçalves de Freitas.

N'uma epocha em que a lyra dos poetas tem sido posta ao serviço de immundos cantores, que se inspiram no lodo fetido que tapeta os prostibulos, e no cheiro ascoroso que evapora o vasilhame da tasca defumada, bem grato é aos corações verdadeiramente poetas, o annunciar um livro cujas paginas foram inspiradas na divina poesia, n'essa poesia que tem feito a gloria de quantos a cultivam.

Continue o novo poeta a dar-nos provas do quanto pode uma intelligencia formada nos santos principios da religião e da moral christã, que nós teremos sempre flôres que desfolhar-lhe aos pés, e corôas com que lhe ornamentar a fronte.

### LAS MISIONES CATÓLICAS

Temos recebido com a maxima regularidade, e acabamos agora de receber o n.º 18 d'esta interessante revista quinzenal illustrada, que sob os auspicios do ex.<sup>mo</sup> e revd.<sup>mo</sup> snr. Bispo de Barcellona, se publica n'esta mesma cidade.

Quando os inimigos dos padres e da religião tanto berram, que se não carece de padres na Europa, e que estes devem ir para as terras d'além mar, onde se necessitam as luzes do Evangelho, não é fóra de proposito o acon-

selhar-se-lhes esta publicação, que bem mostra os sacrificios, os innumerados serviços prestados á civilização por esses obreiros do christianismo.

O preço por anno é de 3,500 réis para Portugal.

### DICCIONARIO DE GEOGRAPHIA UNIVERSAL

por uma sociedade de homens de sciencia

Temos que agradecer á empreza d'esta importante publicação os fasciculos n.ºs 109 e 110, com que acaba de mimosear-nos. Comprehendem estes dois numeros as paginas de 713 a 744 e encerram as palavras de *Ichoux* a *Inhaburra*, entre as quaes se leem muitos e variados artigos, alguns de summa importancia e interesse, taes como: *Illinois*; *Imperio britannico*; *Indostão*; *Inhabane*, etc., etc.

A importancia d'esta publicação e a regularidade com que é feita, tornam-a digna da protecção dos amadores.

### HISTORIA POPULAR DOS PAPAS

Está concluida esta obra monumental, sendo já distribuido aos primeiros assignantes o 3.º volume.

Aos segundos foi já distribuido o 6.º fasciculo, e em breve será distribuido o 7.º

A cerca d'esta obra exprime-se a *Crenga Religiosa*, de Lisboa, nos seguintes termos:

«Recebemos mais dois fasciculos da *Historia Popular dos Papas*, por Chantrel, e vertida em portuguez por Antonio José de Carvalho.

Com o terceiro fasciculo termina o volume 1.º O volume 2.º principia portanto com o fasciculo 4.º, que vae até ao pontificado de Eugenio III, que se estendeu desde 27 de fevereiro de 1145 até 8 de julho de 1161. N'estes dois fasciculos, 3 e 4, que acabamos de lêr com o maximo interesse, percorre o auctor um periodo, em que a Igreja soffreu não poucas amarguras. No entretanto mostra elle com documentos e testemunhos de escriptores insuspeitos, que muitos papas que governavam a Igreja de Christo durante aquelle periodo tem sido injustamente julgados, e tratados todos calunniosamente. A traducção continua, sendo feita com o maior cuidado e esmero. Aos nossos assignantes mais uma vez aconselhamos a acquisição d'esta obra realmente preciosa, e quasi indispensavel ao clero n'esta época, em que a cada passo se vceem os inenos lidos na historia ecclesiastica calumniarem os mais bellos caracteres da Igreja e que só respeitos e admiracões merecem, quando se estudam com a devida critica os factos que mais illustraram a sua vida.»

Continua ainda aberta a subscripção conforme o annuncio que vae na *Folha Solta*.

#### A BIBLIA POPULAR ILLUSTRADA

Continuamos recebendo com a maxima regularidade esta interessante publicação, que vae no fasciculo n.º 15. Em nada tem desmerecido a empreza do conceito de d'ella fizemos ao receber os primeiros numeros, e por isso cada vez recommendamos com mais empenho aos nossos leitores, que adquiriram uma obra de tão subido valor.

#### A ROMA!

Não pára a imprensa jornalística do paiz nas suas apreciações ao notavel livro que as lettras patrias devem ao talentoso sacerdote Martins Capella.

Por vezes tem sido trasladados para as columnas d'este periodico os artigos de varios jornaes tem consagrado ao livro do sr. Capella, e hoje mais uma temos que registrar aqui, que com a venia devida tiramos da *Aurora do Cavado*, de Barcellos.

Eil o:

«*A Roma!* (Esboços e narrativas de viagens) por M. Capella, presbytero.

Devemos ao favor do sr. Teixeira de Freitas, illustrando e preciansavel editor de boas obras, o offerecimento de um volume com o titulo que tomamos para epigraphe d'esta noticia. Começando a fallar d'este pelo habito extremo que é o primeiro que attrae a vista, diremos ser elle um elegante tomo excellentemente impresso com typo novo e redondo em bom papel, o que bem dispõe o animo de quem o tóma a abrir-lhe as folhas e a procurar em suas paginas leitura que corresponda ao aspecto exterior, isto é que satisfaça aos olhos do espirito como este contenta os do corpo.

Ainda bem que uma tal esperanza não foi d'esta vez, como de tantas outras em casos identicos, illudida para nós. A parte espirital do *A Roma* mede bem, no seu tanto, competencias com a material.

Algumas narrativas da piedosa perigrinação que a Roma arrastou em 1877 milhares de catholicos, a prestar culto de veneração, respeito e adhesão a Pio IX, temos nós tido, e com inteira isenção aqui registramos que nenhuma d'ellas nos satisfez tanto e tanto nos enliou como esta que acabamos de lêr do sr. rd.º Capella. Encaramos, é de bem de vêr, a obra tão só e unicamente debaixo do ponto de vista litterario, sem nos fazermos o minimo cargo de defender ou combater as ideias e sentimentos religiosos e philosophicos do auctor.

Sente-se palpar na *A Roma* a indi-

vidualidade do rd.º Capella, e conhece-se bem que pessoas as impressões que registra, e gravadas em seu animo pelo aspecto das cousas que viu e admirou e isto com quanto pareça, á primeira vista, cousa de pequena monta por naturalissima, tem para nós valor inestimavel, pois que no geral as descripções e narrativas de viagens não são mais do que copias servis do que outros anteriormente escreveram, e rarisimas vezes accusam a personalidade do que se diz auctor do livro.

Outro merito do *A Roma* é a naturalidade e singeleza de estylo, no gosto e sabor das *Viagens na minha terra* de Aluicida Garrett, e das *Viagens em terra alheia* de Teixeira de Vasconcellos. N'esta parte são incondicionaes os nossos applausos para o seu livro, sendo que sobre esses meritos tem ainda o estylo d'elle o de ser castigo e puro de lei.

Oxalá que á luz venham bem cedo novas obras do rd.º M. Capella que honrando-o a elle honrarão as lettras patrias.»

O editor, que o é tambem do *Progresso Catholico*, grato á boa acolhida, que esta sua edição tem tido, auctorisa-nos a declarar aos snrs. assignantes do *Progresso Catholico*, que continua para elles o preço de 360 réis, emquanto que para o geral é de 500 réis.

F. DE GUIMARÃES.

### EXPEDIENTE

Se algum dos cavalheiros a quem enviamos o presente numero o não desenvolverem, signal é de que ficam sendo assignantes no 5.º anno, o que desde já agradecemos, bem como a promptidão na remessa da sua importancia.

### Retrospecto da quinzena

Não sei se os nossos leitores sabem que se formou em Lisboa uma commissão para erguer um monumento ao maior historiador do mundo, o sabio de Valle de Lobos, Alexandre Herculano. O que é certo é que a commissão está formada e quer um monumento verdadeiramente artistico e feito por subscripção popular.

Houve até quem de entre a commissão se lembrasse de erguer o monumento no historico templo de Santa Maria de Belem!!

Horror!!

Ao que fica sujeito o corpo d'um homem depois de morto!

Alexandre Herculano, que em vida nada queria com a Igreja, vê agora, lá da terra do sepulchro, onde tudo acaba, que o querem arrastar para dentro d'uma igreja, d'uma igreja onde ha o pesado resmungar das orações rituaes, e onde o clero mercadeja com as consciencias simples do povo!

Fica-se sabendo, que, quando algum livre pensador estiver na hora final, deve dispor que o não levem para a igreja, onde este em vida não procurava entrar, porque, não o fazendo, os seus amigos são capazes de o levar para o meio mesmo do altar mór!

E ainda para mais levam os ossos de A. Herculano para o templo que tem a invocação d'Aquella a que o nosso povo, tributa um culto supersticioso!

Mais um suicidio! Contam-nos os jornaes da capital que D. Carolina Augusta de Moraes Vieira, solteira, e joven ainda, se lançou á rua da janella do seu quarto, no segundo andar d'uma casa na rua da Esperança. Fracturou o cranco e um braço, deixando logo de fallar e morrendo duas horas depois.

Dizem os jornaes que não deixou declaração alguma, mas que as pessoas que a conheciam diziam que ella, a infeliz, tinha certimos e profundos desgostos, que decerto a levaram áquelle extremo.

Oh, santos e formosos tempos em que uma joven, em circumstancias iguaes, se não lembrava de pôr termo á vida, condemnando a alma, e ia esquecer os desgostos que a affligiam sob as abobadas do claustro!

Eis os fructos da decantada civilização, que não quer conventos, que desacredita com as mais torpes calumnias as santas instituições claustraes, e que leva as jovens d'este seculo de luzes apagadas a aborrecer a vida religiosa, e a não encontrar linitivo para os males terrenos, se não despedaçando o cranco nos lagados das ruas!

Bravo! Abi tendes o fructo das vossas lições, dadas á juventude nas paginas dos vossos romances, e nas columnas dos vossos jornaes, missionarios do progresso sem Deus! Daç uma gargalhada satanica junto do cadaver da victima que fizeste com as vossas theorias, oh sacerdotes das cafúas putridas do positivismo!

Bravo! Continuae a preparar d'esses espectaculos, em quanto nós continuamos a pedir a conservação dos conventos, onde as jovens desgostosas das cousas do mundo possam encontrar um refugio de paz. Continuae a educar mulheres que saibam cahir d'uma janella á rua, enquanto nós continuamos a educar mulheres, que saibam abraçar-se aos pés da cruz, e viver para Deus,

quando nas cousas da terra não encontram o que deseja sua alma!

Bravo! Bravo! Continuac!

O *Primeiro de Janeiro*, que por sobrenome não perca, dá a seguinte noticia encimada pela palavra—*Deploravel*:

«De Mogofores noticiam o seguinte:

«Toda a gente está indignada com o vandalismo que se observa no Bussaco, onde o novo administrador das mattas fez um corte raso d'um hectare de terreno com o fim de proceder a novas plantações, inutilizando as arvores velhas, que constituíam a principal belleza da matta!»

Fica sem commentarios, que não precisa d'elles.»

Então o *Primeiro de Janeiro* que commentarios havia de fazer? Onde estão os commentarios que o jornal das tres paginas d'annuncios fez ao vandalismo, que se observou, e observa ainda, de se fazer um corte raso, não no terreno da matta, mas em todo o convento, fazendo desaparecer, não algumas arvores, mas todos os habitantes d'aquella casa veneranda?

Quando o jornal portuense fizer commentarios ao barbarismo que despovoou os conventos, então faça-os ao vandalismo que despovoou de arvores a matta de um convento. E enquanto os não fizer ao primeiro vandalismo, não tem de que se admirar ante o segundo.

E' ainda do mesmo *Primeiro de Janeiro* a seguinte importante noticia:

«O nosso talentoso litterato o snr. Antonio Ennes concluiu um novo drama, intitulado *O luxo*.»

Que se devera intitular *O lixo* conhecemos nós um do mesmo talentoso.

Vae produzindo os fructos que era de esperar a nefasta lei Ferry. Não valoram a demover o animo tyrannico dos revolucionarios francezes nem as manifestações pacificas da maior parte do povo francez, nem os conselhos dos amigos da ordem e da liberdade. Acima de tudo está o que nas castias magonico-revolucionarias se decreta. Agora não é o povo que se curva reverente á passagem dos jesuitas, para afirmar o seu protesto contra o despotismo d'um governo que calca aos pés todos os direitos; são os povos que reagem de mão armada contra a execução dos decretos, alastrando de cadaveres as ruas, tingindo-as com o sangue dos filhos da França.

Prova o que deixamos dito a seguinte noticia dada por um jornal de Lisboa:

«As medidas contra as congregações expulsas do territorio francez, continuam em via de execução, mas encon-

tram algumas vezes as mais sérias resistencias. Não porque os religiosos se opponham ás ordens da auctoridade civil, mas porque em muitas terras os habitantes reagem tumultuosamente.

«Em Conrai por exemplo, a população agrupada em frente da escola, resistiu, e a tropa teve de fazer fogo, havendo de parte a parte mortos e feridos.

«Estes incidentes, com caracter religioso, desprestigiam muito o governo da republica, que demais a mais é n'este momento representado pelo snr. Jules Ferry, pessoalmente antipathico como auctor das medidas impugnadas pelos amigos da egreja.

«Assim as manifestações reaccionarias, e mais designadamente logitimistas, vão-se succedendo e tomando maior significação, maior vulto, e mais auctoridade do que até aqui.»

Mas que importa a attitude do povo francez em face dos decretos do governo da Revolução?

Contra os jesuitas firma-se uma lei e executa-se, mas não se faz uma lei contra os assassinos, contra os inimigos da ordem, contra os regicidas. Esses deixam-se fazer alarde de seus diversos intentos, e abrir subscrições publicas para comprar armas com que matar os reis.

Eis a noticia que nos dá uma folha que temos á vista, que prova o que deixamos dito:

«Felix Pyat, o sanhudo redactor da gazeta parisiense «A Communa», acaba de abrir n'aquella folha uma subscrição destinada a offerecer um revolver d'honra ao polaco Berezowsky, que na penultima Exposição universal de Paris tentara assassinar o actual imperador da Russia.

A arma terá esta data: 1867, e estas palavras:

PARIS, MOSCOW, VARSOVIA

*Ao vingador de tres povos, ao justiceiro de dois tyrannos, ao operario BEREZOWSKY,—os operarios francezes reconhecidos.»*

A' vista d'isto que se pode ajuizar do governo francez?

Já que nos occupamos de cousas d'uma republica, não vem fóra de proposito o narrar um facto digno das atenções de todos que se interessam pelo bem geral dos povos.

A Republica de S. Domingos parece haver entrado n'um periodo de paz com a nomeação, para presidente, do red.<sup>mo</sup> padre Fernando Arturo Merino.

Eis a este respeito o que encontramos n'um periodico da America, o *Brazil Catholico*:

«Após multiplicadas e penosas vicissitudes que hão trabalhado aquelle paiz

durante tantos annos, parece que agora entra em repouso, collocando para maior garantia no poder supremo uma pessoa alheia ás tyrannias militares e ás ambições excessivas dos chefes civis dos partidos politicos.

A eleição para a presidencia, verificada em completa calma, recahiu no Padre Fernando Arturo Merino, apresentado como candidato pelos azues, que formam o verdadeiro elemento nacional. Este, que abraça, póde dizer-se, a immensa maioria da povoação, está resolvido a prestar seu apoio ao Padre Merino, que por sua vez promette executar o programma traçado para a melhor direcção dos negocios publicos.

Que horror! Um Padre como chefe de uma republica!

Que diz a isto a *Gazeta da Côrte e a Provincia*, de S. Paulo?»

E que nos dizem os jornalistas cá d'este nosso Portugal, que estão sempre a berrar que os padres são inimigos da liberdade, e que só querem a lei da rolha e do cacete?

O que os padres não quorem é essa liberdade que vós apregoaes, que tem tanto de liberdade como da maior das tyrannias. O padre está bem com todas as fórmulas de governo, com tanto que não sejam atheas, com tanto que se curvem ante os ensinamentos da Egreja. A prova temol-a nas republicas que os padres jesuitas fundaram na America, e na eleição do padre Morino para presidente da Republica de S. Domingos.

O *Figaro*, escrevendo ácerca dos recentes milagres de Lourdes, diz:

«A indignação dos livres pensadores, em presença da acção sobrenatural que se manifesta com tanto poder, sobe de ponto. Em vez de estudarem os factos, para se certificarem da sua evidencia, ou da sua falsidade, os pobres incredulos, desprezando os processos de investigação que elles preconizam sob o nome de sciencia positiva, obram como os judeus em presença dos milagres do Salvador, e declaram que não se occupam dos milagres de Lourdes, deplorando o que elles chamam credulidade dos catholicos. Porém, a obra de Deus é manifesta e os doentes curados vão repetindo por toda a parte, como o cego curado do Evangelho: «A sciencia julgue como quizer, e declare impossivel o que é evidente: o que nós sabemos é que estavamos doentes e soffrimos, e agora gozamos perfeita saude.»

Respeito a jesuitas, collegas, nada?!  
J. DE FREITAS.